

Carlos Chagas Filho e a Academia Pontifícia de Ciências

MARCIO DE PAIVA DELGADO

1 – Introdução

Este pequeno trabalho é um dos frutos da minha pesquisa para a dissertação de mestrado que estou desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. O foco principal deste projeto é a atuação do cientista Carlos Chagas Filho na presidência da Academia Pontifícia de Ciências, com sede no Vaticano.

O estudo de personagens aparentemente distante dos centros de poder tornou-se muito interessante e freqüente a partir de meados da década de 1970, principalmente quando estes personagens estão inseridos num contexto maior, não apenas circunscritos à sua vida particular. Tanto Le Goff quanto Carlo Ginsburg, por exemplo, elegeram como objetos de estudo indivíduos únicos, cada um deles rico em particularidades. O rei Luís XIV, eleito por Le Goff¹, foi o símbolo do poder da França absolutista enquanto Menocchio, o escolhido de Ginsburg², o moleiro perseguido pela inquisição. Este último trabalho reforça a tendência de apresentar homens, distantes de possuírem a grandeza de um rei de França, e através deles retratar um período ou ainda, explicitar algumas situações sob um ângulo completamente novo.

2 – Carlos Chagas Filho

Carlos Chagas Filho, médico brasileiro nasceu no início do século XX, no ano de 1910, na cidade do Rio de Janeiro. Graduou-se em medicina muito jovem e logo assumiu a cátedra de física-biológica na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro³. Analisando a sua trajetória no Brasil podemos destacar ainda a criação do

Instituto de Biofísica, que mais tarde receberá o seu nome passando a ser conhecido como o Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, a fundação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) além da sua participação nas principais academias nacionais como a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Academia Nacional de Medicina (ANM)⁴. No contexto internacional Chagas Filho um diplomata da ciência segundo Paulo de Góes⁵, participou intensamente, como membro e presidente, de comitês do sistema Nações Unidas, foi vice-presidente da Academia de Ciências do Terceiro Mundo (TWAS), um dos fundadores da Academia de Ciências da América Latina e presidente da Academia Pontifícia de Ciências (APC) durante quatro mandatos consecutivos, entre os anos de 1972 e 1988. Assim, uma análise da carreira do cientista Chagas Filho nos permite caminhar por diversos campos da ciência no Brasil e exterior e uma análise desta carreira associada a vida pessoal permite a compreensão de suas opiniões e posicionamentos, principalmente durante o período em que esteve a frente da Academia Pontifícia de Ciências.

3 – A Academia Pontifícia de Ciências

A Academia Pontifícia de Ciências foi fundada no ano de 1936, mas sua origem é anterior e ainda alvo de alguma controvérsia. De acordo com Chagas Filho e outros importantes membros da referida Academia, sua origem remontaria o início do século XVII, mais precisamente o ano de 1603⁶. A Accademia dei Lincei⁷, fundada por um rico membro da nobreza italiana, Federico Cesi, é utilizada como marco inaugural da APC, numa tentativa de resgatar uma tradição já perdida após tantas mudanças, entre elas e incorporação da Academia pela Igreja no ano de 1847. A Accademia dei Lincei funcionou como um elo de ligação entre alguns “cientistas” modernos cujo grande destaque coube a de Galileo Galilei, que afirmava ser um “linceano”. Desta forma, a Academia não havia

ainda assumido uma forma “física”, característica assumida no século XIX. Portanto, associar a atual APC a esta Academia fundada no início do século XVII é apenas um ideal romântico, uma busca por seu mito de origem, mito este desatrelado à Igreja Católica.

A atual Academia Pontifícia de Ciências funciona como uma espécie de senado científico da Igreja, fornecendo subsídios para que esta possa se posicionar frente a comunidade científica internacional⁸. De acordo com seu estatuto, criado junto com sua fundação e pouco modificado, as atribuições da Academia são as de promover a matemática, a física e as ciências naturais através da promoção de encontros, debates e incentivos à pesquisa. O estatuto de 1976 vem reforçando esta característica: “Art. 2 – The aim of the Pontifical Academy of Sciences is to promote the progress of the mathematical, physical and natural sciences and the study of epistemological problems relating thereto.”⁹

O corpo da academia é composto por 80 membros¹⁰ indicados pelo papa. A seleção desses membros está relacionada às suas áreas de atuação e também respeita um critério geográfico no intuito de ter na APC representantes de todos os continentes. O estatuto de 1936 prevê que a escolha de novos membros não está atrelada a critérios religiosos nem étnicos, podendo compor a academia pessoas de outras religiões que não a católica. Este preceito é reafirmado pelo estatuto de 1976.

Os membros indicados pelo papa permanecem na academia em caráter vitalício ao contrário dos Supernumerary Academicians, que compõem este corpo por possuírem cargos na Igreja, sendo eles: o diretor do Observatório do Vaticano, o diretor do Laboratório de Astrofísica, o prefeito da Biblioteca Apostólica do Vaticano, o prefeito dos Arquivos Secretos do Vaticano e o diretor científico do Museu Missionário de Etnologia. Ao término de suas funções, estes membros perdem a condição de acadêmicos. O papa ainda pode nomear, na condição de Honorary Pontifical Academicians, cientistas que se

destacaram em suas diversas áreas de atuação e que foram indicados pelo conselho a receber este título.

A APC é dirigida por um presidente eleito pelos membros e nomeado pelo papa, permanecendo no cargo pelo período de quatro anos. O presidente está diretamente submetido ao chefe da Igreja e possui um conselho que o auxilia na tomada de decisões relativas ao funcionamento da instituição. Este conselho é composto pelo presidente, o ex-presidente, cinco membros do corpo acadêmico, o chefe da biblioteca, o tesoureiro, o secretário e dois censores. Além do conselho, o presidente ainda pode contar com a Chancelaria, órgão responsável pela burocracia da instituição. Ela é formada pelo secretário, o tesoureiro e o chefe da biblioteca, e é comandada por um chanceler. Essas funções não são remuneradas, com exceção do secretário e do chefe da biblioteca.

Como elemento de divulgação de seus trabalhos e debates a APC possui algumas publicações, como: o *Proceedings* que é um folheto sobre os temas das sessões plenárias, lista de publicações e algumas notas; o *Memoirs*, que traz alguns trabalhos de acadêmicos, ou ainda trabalhos que ganharam prêmios internacionais; o *Anuario* e o *Nuncius Radiophonicus*, onde encontramos listadas as atividades da academia; a *Acta Pontificiae Academiae Scientiarum – Commentationes*, que contém os relatórios e temas das sessões plenárias e a *Scripta Varia*, mídia direcionada para as Semanas de Estudos.

Ainda sobre o funcionamento da Academia devo ressaltar as Semanas de Estudos e os Grupos de Trabalhos, além das Sessões Plenárias. As Semanas de Estudos, que acontecem de dois em dois anos, tem como objetivo trazer para o interior da APC discussões sobre temas atuais e para tal, são convidados a participarem os principais estudiosos acerca destes temas, sendo eles membros ou não da instituição. Os Grupos de Trabalho tem um corpo e um tema fixos, e se reúnem anualmente. Já as Sessões Plenárias, que também possuem caráter anual, traçam os planos da Academia, que

podem incluir assuntos internos, tais como uma eleição para presidente, ou ainda debater temas apresentados pela cúria romana.

4 – A presidência de Chagas Filho

A Academia Pontifícia passará por algumas modificações após o Concílio Vaticano II, realizado no início da década de 1960. Em poucas palavras, o Concílio estabelecerá que a Academia deve ampliar o seu campo de atuação, incluindo os países do então “Terceiro Mundo” na sua agenda, além tentar aproximar os debates sobre fé e ciência, muito embora possamos perceber que a ciência, sob a ótica da Igreja, deve buscar a verdade e esta pode ser encontrada na religião. Nas palavras do papa João XXIII quando da abertura da semana de estudos sobre a estrutura das moléculas:

“Because of your different origins and because of the range of your interests you are a truthful reflection of the modern scientific world and a proof of the complete harmony existing between the Church and Science. (...) In fact far from fearing the most daring discoveries of men, the Church believes that any progress in the possession of truth entails an inner development and represents a step forward to the first Truth, the glorification of the Creation of God.”¹¹

Estas mudanças pelas quais a Academia passou podem ser percebidas no início da década de 1970, quando da escolha de Chagas Filho para o cargo de presidente da instituição. O próprio cientista demonstrou uma certa surpresa com a escolha da Igreja e admitiu em sua autobiografia não saber a origem de sua indicação.

“Penso que influíram a voz de Dom Eugenio Sales e a do cardeal Benelli, que me conheceu quando estava eu na Unesco e era ele o observador do Vaticano. Com Benelli estabeleci relações bastante cordiais, continuação dos entretenimentos

que havíamos tido no Rio, ainda que esparsos, quando Benelli era um dos membros da Nunciatura Apostólica”.¹²

A escolha de Chagas Filho está profundamente ligada a este desejo de mudança, já que se trata de um cientista voltado para a educação, a pesquisa e a sua aplicabilidade, bem como um político com passagens pela UNESCO e outros organismos do sistema Nações Unidas. Caberia a ele redirecionar a APC, buscando uma atuação mais prática, de acordo com as determinações do Concílio Vaticano II.

Restava a Academia buscar um espaço que ela ainda não possuía no cenário internacional. Chagas Filho alcançará o ideal de compor um conselho com grande presença de cientistas não católicos. Esta situação já havia sido considerada em estatutos anteriores, que previam a seleção de acadêmicos independente de critério religioso, focando apenas a sua qualidade como cientista, onde os “novos acadêmicos foram escolhidos de acordo com a área de atuação e competência, relegando a segundo plano as crenças religiosas de cada um.”¹³ A seleção também visava manter um equilíbrio geográfico, contando com a presença de cientistas de todos os continentes. Desta forma a Academia visava afastar um pouco a sua forte característica de ser uma instituição católica, desta forma, parcial.

Portanto a atuação de Chagas Filho como presidente da APC marca um importante momento no qual a Igreja se volta para o universo científico e busca junto a ele um estreitamento de laços, onde podemos perceber a insistência, por parte do Vaticano, em reforçar os seus ideais frente a outras academias de ciência no mundo. No tocante ao cientista, Chagas Filho afirma que foi muito criticado por ser, ao mesmo tempo, um cientista e um religioso e ao ser questionado sobre o assunto afirmou:

“E há enfim, os cientistas absolutamente místicos, como eu sou, que não estou preocupado se Deus é onipotente ou onisciente. Eu faço modestamente, a minha ciência e posso e aí já direi (sic) com um pouco mais de resultado pela ciência no Brasil, faço o que posso pela ciência de todo o mundo. De todas essas atividades, eu só tenho uma certeza: é de que Deus existe”.¹⁴

¹ LE GOFF, Jacques. *São Luis*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

² GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1987.

³ ALMEIDA, Darcy Fontoura de. Carlos Chagas Filho: do curso de graduação à cátedra de Física Biológica da Faculdade Nacional de Medicina, Universidade do Brasil (1926-1937). *Revista Rio de Janeiro*, nº 11, set./dez., p. 135-147. Rio de Janeiro, 2003.

⁴ CHAGAS FILHO, Carlos. *Um aprendiz de ciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora Fiocruz, 2000.

⁵ GÓES FILHO, Paulo de. *O Brasil no Biotério. O Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho e um jeito brasileiro de fazer ciência*. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

⁶ CHAGAS FILHO, Carlos. L'Accademia Pontificia delle Scienze, la sua attività, la sua azione e la sua posizione di fronte alla guerra nucleare ed alla pace. *Rivista di Studi Politici Internazionali*, Florença, ano LI, n. 204, p. 541-562, 1984.

⁷ A Academia foi fundada com este nome numa alusão a uma característica “mágica” associada aos lincos, de que estes seriam capazes de enxergar o “invisível”.

⁸ MARINI-BETTÒLO, Giovanni Battista. The Activity of the Pontifical Academy of Sciences 1936-1986. *Pontificie Academiae Scientiarum Scripta Varia*, Vaticano, n. 67, 1987.

⁹ MARINI-BETTÒLO, op. cit., p. 210.

¹⁰ Até 1986 a Academia era formada por 70 membros. Após um decreto do papa, em 8 de janeiro de 1986, este número aumentou para 80.

¹¹ MARINI-BETTÒLO, op. cit., p. 38.

¹² CHAGAS FILHO, op. cit., 2000, p. 174-175.

¹³ LIMA, Ana Luce Girão Soares de et al. Ciência, política e paixão: o arquivo de Carlos Chagas Filho. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro (no prelo).

¹⁴ CHAGAS FILHO, op. cit., 1988b, p. 9.